

## **A Teologia entre a Ciência e a Poesia**

**Wanda Deifelt**

“O cientista explica tudo, mas não compreende nada.  
O poeta compreende tudo, mas não explica nada.”

(Autor desconhecido.)

Minha contribuição para a discussão que se desenvolve atualmente sobre a teologia e as outras ciências, sobre interdisciplinaridade, tem por base duas perguntas. A primeira é: de que lado está a teologia dentro da polaridade apresentada na citação em epígrafe? Em outras palavras, a teologia é ciência ou poesia, é racional ou subjetiva? A segunda pergunta é pelo diálogo entre a teologia e as outras disciplinas. Como a teologia se relaciona com os outros saberes? A partir destas perguntas, vou alinhavando meus pensamentos em direção a um diálogo interdisciplinar.

### **1. Retomada Histórica**

Desde que a teologia deixou de ser o centro de todos os saberes, com o iluminismo, quando as luzes das ciências assumiram a primazia, com sua ênfase na epistemologia e no “penso, logo existo” cartesiano, criou-se um vazio de sentido para a teologia em que esta não soube como operar. Acostumada a ser o centro, ela não soube como se adequar à periferia, à marginalidade intelectual, ao papel secundário que lhe foi outorgado. Sucedeu-se uma revolução copernicana com a teologia. Do mesmo modo como Copérnico provou o heliocentrismo (mostrando que não é o sol que gira em torno da terra, mas o contrário), a teologia foi desbaratada, não sem antes fazer uso de poderes eclesiásticos autoritários (como mandar para a fogueira) em relação a quem questionasse o saber instituído.

No séc. XIX, a partir do campo teológico, houve as primeiras tentativas de mostrar o “valor da teologia” quanto à sua racionalidade. Talvez devamos a Friedrich Schleiermacher (1768-1834) os primeiros passos de uma articulação teológica moderna. Também a teologia poderia ser uma ciência, no sentido de ter métodos e pressupostos. Apesar de estudar um fenômeno não-racional (a fé não pode ser provada empiricamente), a teologia começa a mostrar que tem o rigor científico da neutralidade. Ela analisa a religião e suas manifestações de um modo científico. De certa maneira, esta preocupação pela neutralidade acadêmica e pela cientificidade desemboca na elaboração do método histórico-crítico.

No decorrer do séc. XX a teologia tenta se livrar de seus aspectos mitológicos. Rudolf Bultmann (1884-1976), com sua proposta de desmitologização, formula sua teologia voltada para o ser humano moderno, para quem uma percepção mítica do universo é inverossímil. Crer e compreender, fé e razão, não são aspectos antagônicos. Por ironia, a teologia cede às ciências em um momento em que as próprias ciências são questionadas em sua “cientificidade”. Já Martin Heidegger, em seu escrito *Sein und Zeit*, de 1927, lança as primeiras sementes de discórdia sobre a imparcialidade científica quando discorre sobre os pressupostos e pré-conceitos que trazemos à interpretação. Mas, dentro da teologia, a influência das ciências se faz sentir: analisar a religiosidade sob uma perspectiva sociológica ou reconhecer os condicionamentos culturais dentro das religiões são maneiras de tornar a religião (e, por extensão, a teologia) relevante. Em determinados momentos, nas décadas de 70 e 80, lembro que discutíamos mais sociologia e economia do que a teologia propriamente dita.

Em comparação com as demais áreas de saber, tem-se a impressão de que a teologia sempre fica aquém. Dentro das igrejas, especialmente dentro da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), isto se reflete através de uma *baixa auto-estima profissional*. Ser teóloga ou teólogo, pastora ou pastor, não é algo dito de boca cheia. É uma profissão que não alcança o mesmo *status* e não tem o mesmo prestígio como os da classe médica, por exemplo. Mesmo tendo um curso de nível superior, há uma desvalorização do título. Para compensar essa insegurança e o sentimento de “ser menos”, há colegas que agem de modo autoritário, centralizador e antidemocrático.

## 2. O Diálogo Interdisciplinar

O ser humano é por natureza um ser interdisciplinar. As exigências da vida e do dia-a-dia fazem com que a gente tenha proficiência em mais do que uma área de conhecimento. É uma invenção da modernidade que haja especialistas em determinados assuntos. Nas biografias de intelectuais pré-modernos, por exemplo, vemos que alguém podia ser simultaneamente teóloga, médica, astrônoma, matemática, etc. A divisão do saber em distintas “caixinhas” é uma falácia da modernidade.

Penso, particularmente, no currículo de um curso de Teologia como o que é oferecido na Escola Superior de Teologia, onde existe uma oferta generosa de créditos em disciplinas não-teológicas. No entanto, este contato com outras disciplinas requer certa humildade. Ter tido algumas aulas de Psicologia, Sociologia ou Literatura não nos torna peritos nestas áreas. Mesmo sendo seres interdisciplinares, não podemos ser detentores de todo o conhecimento. Há experiências bonitas de equipes pastorais compostas por pessoas que não têm formação teológica. Além de clérigos, contam também com a ajuda de agrônomos, agentes de saúde, professoras, etc. Pelo fato de sermos pastores ou pastoras não precisamos ser especialistas em tudo, mesmo que saibamos sobre muitas coisas.

O diálogo interdisciplinar implica, ao meu ver, três aspectos: 1) Reconhecimento de seus próprios pressupostos (estabelecer quais são os valores dos quais não posso abrir mão e que trago para o diálogo); 2) Abertura para questionamento mútuo (deixar-se surpreender e questionar pelas outras áreas de saber); 3) Revisão de suas premissas ou, se for o caso, confirmação dos pressupostos. Trata-se, obviamente, de um processo hermenêutico. No entanto, a partir da discussão presente na *Semana Teológica*, constatei duas situações, talvez a partir do reconhecimento já apontado anteriormente de que a teologia sofre de uma baixa auto-estima ou de um complexo de inferioridade. Por um lado, a teologia pode dispensar as outras áreas de conhecimento porque estas são capazes de questioná-la em suas verdades absolutas. Assim, evita-se o diálogo através da negação absoluta. Por outro lado, existe a tendência de aceitar o que as demais ciências dizem sem qualquer contestação, deixando-se abalar nas suas crenças. Trata-se da aceitação incondicional. Também aqui o diálogo não frutifica, pois somente um lado é validado em sua argumentação. No que acreditamos, afinal, e qual a nossa contribuição específica no diálogo com as outras disciplinas é o que precisamos averiguar.

No diálogo com as outras ciências, mesmo que este seja feito com o mais profundo respeito, não se pode prescindir do elemento da criticidade. Assim como a teologia demonstra abertura crítica para as demais ciências, também estas têm se mostrado abertas para o diálogo com a teologia. Cito o exemplo do I Simpósio de Bioética e Novas Técnicas Reprodutivas, ocorrido no Rio de Janeiro de 12 a 13 de junho de 1996. Junto com profissionais das áreas da medicina, genética, novas técnicas reprodutivas, etc., estavam também profissionais da área da teologia. É verdade que a teologia não exerce mais a função reguladora que exercia na época medieval. Atualmente, reconhece-se que nenhuma área ou ciência isolada pode decidir sobre os destinos da humanidade. Assim, também a teologia é convidada a participar e colaborar na discussão dos problemas e desafios da atualidade.

Nas ciências, a racionalidade cartesiana (“penso, logo existo”) é um ideal. A realidade da maioria das pessoas é bem diferente: “Sou pensada, logo existo”. A experiência da maior parte da população é a de ser objeto, não sujeito. Em suas vidas sofrem a ação de outros, de acordo com a decisão de outros. Talvez resida nisto a contribuição específica da teologia às outras ciências: de estar não só com aqueles que pensam e existem racionalmente, mas com quem é pensado, marginal e secundário. A partir disto ela pode articular outra lógica, distinta da lógica dominante. Talvez caiba à teologia um espaço intermediário, entre a ciência e a poesia, onde haja lugar tanto para a reflexão teórica e racional como para a subjetividade.

Wanda Deifelt  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS